

EDUCAÇÃO DIGITAL EM TEMPOS DE STREAMING: UM OLHAR SOBRE O ACESSO À LEITURA LITERÁRIA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Nadja Silva Brasil Santos¹

Resumo: Pensar na educação digital conduz a discorrer sobre as práticas escolares e como as escolas, em especial a pública, enfrentam as dificuldades com as tecnologias digitais nas aulas de Língua Portuguesa. Isto posto, a pesquisa, ainda em fase inicial, busca investigar como a educação digital, em tempos de *streaming*, promove o acesso a aprendizagem da leitura literária nas aulas de Língua Portuguesa, verificando se as condições de acesso às tecnologias digitais favoreceram ou alargam as desigualdades sociais no tocante ao acesso à leitura. A pesquisa ancora-se em teóricos como Mercado (2002), Nonato (2006), Moran (2011, 2015) e Lévy (1999), fundamentais no diálogo sobre a educação; Cruz (2012), Zilberman (2009) e Cosson (2012) que discutem o ensino de Literatura; além de Cândido (2011) e Freire (2011, 1989) que apresentam a literatura como direito básico do ser humano. Na perspectiva da crítica cultural, aborda-se Boaventura Santos (2021), Luís Molina (2020), Mignolo (2003) e Walsh (2005), além de leis e documentos oficiais que orientam sobre o uso das tecnologias digitais na educação. Optou-se pela pesquisa de abordagem qualitativa, por meio da análise de estudo de caso, utilizando instrumentos como estudo de campo, questionário, entrevista e formulário. Espera-se contribuir para a nova concepção de aprendizagem da leitura literária a partir do uso dos recursos digitais, destacando a

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Orientadora: Profa Dra Maria de Fátima Berenice da Cruz. Endereço eletrônico: brasil.nadja2@gmail.com.

necessidade de adaptações para atender às demandas sociais e culturais dessa educação digital.

Palavras-Chave: Educação digital. Leitura literária. Língua Portuguesa.

INTRODUÇÃO

É inegável que o avanço das tecnologias digitais vem transformando o dia a dia dos indivíduos. A partir desse avanço, os indivíduos passaram a realizar tarefas que há pouco tempo eram complexas e trabalhosas, como trocar mensagens instantâneas, enviar um documento eletrônico, ler notícias em tempo real, dentre outros. Em outras palavras, esses avanços tecnológicos têm permeado a forma e a maneira como a sociedade vem promovendo as transformações em suas vidas, relacionando-se com os outros, produzindo conhecimento e aprendendo.

Assim, é possível perceber como o avanço tecnológico instigou várias transformações em todos os segmentos culturais, sociais e políticos, desencadeando a necessidade de inovação em todos os campos da vida, especialmente no que se refere a educação, uma vez que a maior parte dos atuais alunos, os chamados nativos digitais, chega à sala de aula trazendo um acervo midiático firmado, impondo à escola a urgência em renovar seus métodos e técnicas.

No início do ano de 2020, quando foi anunciado no Brasil o fechamento inesperado das escolas pela proliferação da pandemia do coronavírus, as escolas tiveram que se adaptar e ofertar aulas remotas, ou seja, fazer uso das tecnologias digitais de uma maneira mais efetiva. Porém, para as escolas públicas esse cenário foi mais conturbado, já que não existia uma preparação dos professores, nem suporte on-line e muito menos recursos e ferramentas tecnológicas para oferecer aos alunos e professores. Mesmo diante

desse cenário nada favorável a maioria, a sociedade digital apregoava as mais diversas tecnologias digitais e aplicativos para uso escolar, como *Blogs, Wikis, Podcast, WebQuest, Kindle; WhatsApp e Google; streaming, como Netflix, Spotify, Amazon Prime Video, o Google Drive, YouTube, Vimeo e TikTok* e tantas outras práticas de comunicação.

Destarte, pensar na educação digital e em todos os recursos disponíveis nos conduz a discorrer sobre as práticas escolares e a refletir sobre como as escolas, em especial a pública, enfrentam as dificuldades para com o acesso e uso das tecnologias digitais, e de como é possível torná-las de fato efetivas e legítimas no ambiente escolar. Assim, reconhecer e admitir que o uso das tecnologias digitais nesse ambiente é insuficiente para alcançar todos os propósitos associados a ela é perceptível, entretanto não o questionar é perpetuar estigmas e majorar a desigualdade social.

Isto posto, entende-se que a reflexão sobre a educação digital não deve limitar-se apenas ao uso das tecnologias digitais em sala de aula, mas em analisar como é o acesso destas e de como podem favorecer e auxiliar na fomentação da aprendizagem dos mais variados componentes curriculares. Em outras palavras, fazer com que o aluno saiba usar as tecnologias digitais nas salas de aula envolve não apenas usar com destreza variadas ferramentas, mas também saber como construir elementos significativos dentro do processo.

No que cabe aos componentes curriculares, inúmeras inquietações surgiram quanto à aplicação de determinados conteúdos associados aos recursos tecnológicos e quais destes poderiam ser utilizadas, além de como seria o alcance por parte dos alunos. Logo, preocupações com a área de linguagem fizeram parte desse processo. No que concerne a disciplina de Língua Portuguesa nesse cenário de educação digital, vale destacar que o uso das

tecnologias digitais é citado e assegurado em vários documentos, diretrizes e leis brasileiras.

Diante disso, é impossível pensar em uma educação digital na atualidade sem refletir sobre a incorporação das tecnologias digitais nas aulas de Língua Portuguesa, já que é nesse ambiente que a linguagem alcançou um espaço vultuoso, como bibliotecas virtuais, sites, *blogs*, *fanfics*, *ebooks*, *WebQuest*, *streaming*, *Kindle* e outros, promovendo maior interatividade entre o leitor e a leitura. Por conseguinte, vários aspectos do fazer pedagógico nas aulas de Língua Portuguesa sofreram mudanças, dentre elas, a relação do aluno com a leitura literária. Nesse panorama, é essencial que os professores estejam mais seguros e conscientes para lidar com a conexão entre a questão tecnológica e a prática escolar, suas potencialidades e reveses. Um dos caminhos para que essa empreitada obtenha êxito talvez seja repensar o processo de alcance e significação que a leitura literária tem para a sociedade e especialmente para os alunos. Em vista disso, cabe refletir sobre a aproximação da Língua Portuguesa e da leitura literária com esse universo contemporâneo digital no qual professores e alunos estão imersos diariamente.

Mesmo cientes dos entraves vivenciados pelos professores de Língua Portuguesa nas suas práticas de leitura literária nas salas de aula no seu cotidiano, não se pode negar a necessidade de estimulá-la através das tecnologias digitais. Assim, para que a prática da leitura literária faça parte desse cotidiano escolar é necessário que o texto literário seja lido, seja presente e discutido de acordo com a realidade que se vivencia. Pensar práticas e estratégias que incitem a leitura literária na sala de aula de Língua Portuguesa pode partir de múltiplos caminhos. Ainda, utilizar os recursos tecnológicos como instrumentos da prática de leitura literária, dadas as características dos alunos, pode favorecer um contato mais próximo entre o aluno e o texto, ou simplesmente

ampliar as desigualdades sociais tendo em vista a realidade sociopolítica em que está inserida a educação.

Diante desse cenário, pode-se pensar que a educação digital se tornou, igualmente, promessa, problema e panaceia, assim como tantas outras ideias inovadoras incorporadas à educação. As tecnologias educacionais entraram para o célebre e perverso ciclo de expectativas correlacionadas ao ensino de Língua Portuguesa, uma vez que promovem a multiplicação da informação, o surgimento de atores e de comunidades diversos; como segregam e discriminam quando não são asseguradas a todos.

A partir dessa inquietação e ao perceber que a leitura literária não tem sido pensada efetivamente para esse momento de educação digital, surgiu a ideia de investigar o status dessa leitura em aulas de Língua Portuguesa frente a uma geração imersa a um contexto tecnológico. Assim, tendo em vista a importância da apropriação e acesso à leitura literária, o delineamento dessa questão de pesquisa está voltado para o seguinte problema: como a educação digital, em tempos de *streaming*, promove o acesso a aprendizagem da leitura literária nas aulas de Língua Portuguesa?

Para consecução dos objetivos desse projeto, optou-se pela pesquisa de abordagem qualitativa, por esta possibilitar a investigação dos fatos e compreendê-los no contexto no qual ocorrem, já que será necessário que a pesquisadora vá a campo para realizar o levantamento e a coleta de dados. A coleta de dados, inicialmente, será realizada através de uma pesquisa bibliográfica buscando estabelecer um arcabouço teórico a respeito da questão. Em um segundo momento, será feito o mapeamento de escolas para desenvolvimento da pesquisa. Logo após, serão definidas as escolas a serem observadas a partir da disponibilidade destas e, por fim, definidas as técnicas para obtenção dos dados da pesquisa. A partir das observações e dos

dados selecionados, a pesquisa será sistematizada e os resultados alcançados ao longo das etapas deverão ser revertidos em produções acadêmicas que colaborem com a discussão.

Dessa forma, espera-se contribuir com o debate sobre a nova concepção de aprendizagem da leitura literária a partir do uso dos recursos digitais, destacando a necessidade de adaptações para atender às demandas sociais e culturais dessa educação digital.

QUESTÕES INICIAIS DE ESTUDO

É notório que o mundo digital demudou a forma como as pessoas se comunicam e lidam com a informação. Ele expandiu as possibilidades, rompeu fronteiras, propagou informações e alterou o modo como os sujeitos estão conduzindo o espaço e o tempo. No entanto, para além dessas conquistas, transformou-se a maneira como se constrói o conhecimento, como se acessa as informações e de como se interage com o meio.

Posto isso, nos últimos anos, tem-se produzido um conjunto significativo de pesquisas explorando a discussão sobre a importância da leitura literária e seu propósito, a respeito das metodologias aplicadas ao ensino literário; e ainda estudos sobre o letramento digital, recursos digitais e metodologias de ensino, bem como o uso das tecnologias digitais empregadas nas mais variadas concepções de ensino. Em maior ou menor grau, os pesquisadores sempre destacam a relevância do tema, marcando as transformações advindas da educação digital e de suas potencialidades.

A partir dessa premissa, o delineamento dessa questão de pesquisa está voltado para o seguinte problema: como a educação digital, em tempos de *streaming*, promove o acesso a aprendizagem da leitura literária nas aulas de Língua Portuguesa?

Para tanto, propomos algumas questões de pesquisa que nortearão os objetivos específicos de investigação: quais as experiências que os alunos têm no processo de leitura literária a partir do uso das tecnologias digitais? Os novos formatos de leitura incentivam a prática da leitura literária? De que maneira as tecnologias digitais promovem a aprendizagem da leitura literária nas aulas de Língua Portuguesa? As condições de acesso às tecnologias digitais favoreceram ou alargam as desigualdades sociais no tocante ao acesso à leitura? Dentre tantas outras inquietações que marcaram esse estudo.

Inicialmente, buscou-se respaldo teórico nas contribuições de alguns teóricos para fundamentar o estudo. Assim, autores como Luis Paulo Mercado (2002), Emanuel Nonato (2006), José Moran (2011, 2015) e Pierry Lévy (1999), fundamentais no diálogo sobre a educação digital e o uso das tecnologias digitais. Construiu-se uma abordagem teórica a partir dos estudos de Fátima Berenice Cruz (2012), Regina Zilberman (2009) e Rildo Cosson (2012) por discutirem sobre a leitura e o ensino de Literatura, retratando sobre a leitura literária na escola e seus reveses; além de Antonio Cândido (2011), defensor da literatura como direito básico do ser humano e ainda Paulo Freire (2011, 1989), que também disse “sim” à literatura, a leitura e ao seu ensino. Deteve-se também as leis e documentos oficiais publicados pelo Ministério da Educação que orientam sobre o uso das tecnologias digitais na educação. Buscou-se ainda explorar autores que corroborassem com a pesquisa na perspectiva da crítica cultural, de tal modo, aporta-se em Boaventura Santos (2021) e suas reflexões sobre as problemáticas educativas que desafiam a chamada educação digital e Luís Molina (2020), defendendo o direito à educação para todos, especialmente para os mais pobres, os mais excluídos e marginalizados no que se refere ao acesso ao mundo tecnológico. Perpassou-se também pelos decoloniais Walter Mignolo (2003)

subsidiando à análise do cenário atual a partir de novos significados, livres dos controles exercidos pelo projeto eurocêntrico hegemônico e Catherine Walsh (2005), trazendo a Pedagogia Decolonial ressaltando um sentido prático e concreto as lutas de descolonização, libertação e humanização.

A inserção das tecnologias digitais na educação pública do Brasil teve início em 1997, com o PROINFO (Programa Nacional de Tecnologia Educacional), criado pelo Ministério da Educação para promover o uso da tecnologia como ferramenta de enriquecimento pedagógico no ensino público fundamental e médio. A partir de 2007 o Programa foi reestruturado visando promover o uso pedagógico das tecnologias nas redes públicas de educação básica. Apesar dos esforços empreendidos para tornar o Brasil um país de educação digital, os resultados apontam para uma escala pequena e ineficiente quanto à sua abrangência, não aprofundando resultados positivos.

Sobre aprofundar e garantir resultados satisfatórios por meio do uso das tecnologias na educação, vale destacar que a BNCC (Base Nacional Curricular Comum) assegura o uso das TICs para a inserção das práticas de leitura em sala de aula, enquanto o PCN de Língua Portuguesa (Parâmetros Curriculares Nacionais) assinala competências básicas para a tecnologia e à área de linguagens.

Enquanto isso, o IBGE (O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) divulgou, no ano de 2019, uma pesquisa com base na PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua) confirmando que 40 milhões de pessoas não têm acesso a internet no Brasil. Já o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), apresentou a pesquisa do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), edição de 2018, ressaltando que o Brasil estava estagnado há dez anos no nível básico de leitura e compreensão de textos. Dessa forma, tem-se uma encruzilhada: de um lado leis e documentos normativos que

orientam o uso das tecnologias digitais nas aulas de Língua Portuguesa; do outro, pesquisas apontando o despreparo para a sua implantação e a consequência disso.

Compreende-se que a era da educação digital, traz à tona discussões no que se refere as práticas pedagógicas e ao uso das tecnologias na aprendizagem da leitura literária no ambiente escolar, considerando que todo processo inovador precisa ter alicerce no conhecimento, na pesquisa e no protagonismo do aluno. Outrossim, as habilidades relacionadas ao uso de tecnologia descrevem um novo modelo para a escola. Os recursos oferecidos pela tecnologia demonstram a necessidade de se estabelecer vínculos entre os conteúdos das disciplinas escolares, a aprendizagem e os fatos diários, pois as informações que permeiam o universo tecnológico são mais ricas em forma e mais diversificadas em conteúdo, exigindo assim, novas competências e habilidades por parte de professores e alunos.

Mercado (2002, p. 1) analisa e discute questões sobre o uso das tecnologias digitais na educação, afirmando que as novas tecnologias devem funcionar, no ensino de Língua Portuguesa, como “ferramentas instigadoras capazes de colaborar para uma reflexão crítica, para o desenvolvimento da pesquisa, sendo facilitadoras da aprendizagem de forma permanente e autônoma”. Para o autor, o processo de ensino-aprendizagem pode ganhar assim um dinamismo, inovação e poder de comunicação inusitados. Outro benefício do uso das tecnologias na educação versa a questão de pesquisas. Na concepção de Mercado, existe ainda a possibilidade de compartilhamento, a viabilização de pluridisciplinaridade e de uma educação global; além do acesso a materiais mais encantadores e atuais.

Entusiasta do papel das TIC na sociedade contemporânea, Pierre Lévy (1999), ressalta as possibilidades metodológicas da

integração da tecnologia no processo de ensino. Conforme Lévy, vive-se o começo de uma transformação cultural, onde a maneira de construir o conhecimento é colaborativa e que os professores devem imergir na cultura digital, a fim de compreender o universo dos alunos.

[...] os professores e os estudantes partilham os recursos materiais e informacionais de que dispõem. Os professores aprendem ao mesmo tempo que os estudantes e atualizam continuamente tanto seus saberes “disciplinares” como suas competências pedagógicas. A formação contínua dos professores é uma das aplicações mais evidentes dos métodos de aprendizagem aberta e à distância (LEVY, 1999, p. 171).

O autor evidencia que os professores precisam empregar as ferramentas virtuais em benefício da educação, cultivando suas singularidades e ofertando mais ambientes para que os alunos participem mais ativamente do processo de ensino-aprendizagem.

O uso das tecnologias propicia a ampliação da ação colaborativa, podendo estimular a investigação tanto dos alunos quanto dos professores. Estes poderão ainda se apropriar do uso das tecnologias para mediar os trabalhos dos estudantes, buscando sempre condições mais apropriadas e contextualizadas para o processo de aprendizagem interativo e dinâmico. Nessa perspectiva, Nonato (2006) afirma que os professores precisam nortear seus alunos sobre onde e como obter conhecimentos, como tratá-los e como utilizá-los significativamente nesse ambiente digital. Segundo ele, a pesquisa e a busca são elementos muito importantes na relação dos alunos com o ambiente em que vivem e com o conhecimento que estão aprendendo. Sobre tal assertiva assevera que

[...] as Novas Tecnologias são, na Educação Contemporânea, um instrumento importantíssimo, dir-se-ia mesmo imprescindível, na consecução de práticas e procedimentos

didático-pedagógicos que viabilizem a inserção positiva, produtiva e atuante do cidadão na sociedade em todos os seus aspectos, mormente no mercado de trabalho (NONATO, 2006, p. 84).

Corroborando tais concepções, Moran (2015) confirma que o uso das tecnologias no ambiente escolar aponta para uma implicação positiva no que se refere a aquisição de uma escola com melhores condições de aprendizagem, uma vez que as inovações tecnológicas foram rapidamente integradas a sociedade, causando um grande. Desse modo, essa transformação atingiu diretamente os modos de como “fazer educação”.

O que a tecnologia traz hoje é integração de todos os espaços e tempos. O ensinar e aprender acontece numa interligação simbiótica, profunda, constante entre o que chamamos mundo físico e mundo digital. Não são dois mundos ou espaços, mas um espaço estendido, uma sala de aula ampliada, que se mescla, hibridiza constantemente (MORAN, 2015, p. 16).

Isso sugere um entendimento de que os alunos devem ser capazes de ampliar seus conhecimentos buscando suporte em outros ambientes, seja ele físico ou digital, passando a ser agentes do processo educacional e não simples receptores de conhecimentos e de ideias pré-estabelecidas.

De maneira geral, o que esperar da leitura literária em tempo de educação digital nas aulas de Língua Portuguesa? É possível que as repostas sejam sobre a ideia do leitor crítico, hábil e autônomo, capaz de “ler o mundo”, lembrando por Freire (1989). Nesse sentido, “ler o mundo” implica ler a tecnologia, seus códigos, significados e possibilidades. Assim, o desafio de dialogar com as novas tecnologias digitais, promovendo a interação entre os alunos e esses meios para fins de aprendizagem da leitura literária, torna-

se imperioso, já que os alunos da educação básica estão inseridos na cultura digital.

Referente ao encontro entre tecnologia e leitura literária, é primordial para o professor dessa era digital fomentar a sua ação docente de maneira significativa e transformadora. Consoante Antonio Candido (2011), seu papel é sociocultural, humanizador, e ao mesmo tempo vital para ampliar no aluno a compreensão do mundo e prepará-lo para as mais variadas leituras que se tem contato.

Dessarte, incentivar o acesso à leitura por meio das tecnologias é oportunizar a abertura de um novo olhar para o trabalho com a leitura literária nas aulas de Língua Portuguesa, e por conseguinte, a formação do leitor crítico, princípio fundamental na construção de uma sociedade mais justa e consciente. Para Cosson (2012), o professor deve adaptar sua prática pedagógica de leitura por meio de várias estratégias metodológicas a serem aplicadas em sala de aula. Ressalta ainda que o professor, como mediador, deve adotar atividades leitoras diversificadas e motivadoras em suas ações para instigar a leitura literária em seus alunos. Assim, por meio da leitura literária, pode-se envolver os alunos em debates sobre culturas, valores e ideologias; auxiliando-os a compreender e construir relações entre as informações e seus contextos, formando sujeitos críticos e conscientes. É também a concepção de Zilberman (2009), quando afirma que é papel da literatura na escola desenvolver não somente o leitor, mas também, compete a essa o desenvolvimento cultural dos alunos.

Vale ressaltar que ler, sobretudo textos literários, é uma atividade de produção de sentidos. É pela linguagem que o ser humano se relaciona entre si e o mundo que o rodeia, com todas as suas complexidades decorrentes de aspectos tecnológicos,

sociais, históricos, culturais e ideológicos. A esse respeito, Cruz reforça que é necessário que as leituras,

[...] possibilitem ao aluno se tornar crítico e ativo frente ao conteúdo do texto, pois a criticidade sobre a leitura propicia entre outras coisas, o aprofundamento de seu conhecimento sobre a realidade que o cerca, além de proporcionar um olhar mais acurado sobre os problemas e desafios encontrados em sua realidade social (CRUZ, 2012, p. 158-159).

A leitura de textos literários está mais ligada à relação entre o texto e a forma como o leitor adentra nesse universo. Portanto, pensar práticas e estratégias que incitem a leitura literária na sala de aula de Língua Portuguesa pode partir de múltiplos caminhos. Todavia, utilizar os recursos tecnológicos como instrumentos da prática da leitura literária, dadas as características dos alunos atuais, pode favorecer um contato maior entre o aluno e o texto. Diante desse cenário, torna-se ainda mais desafiador pensar a relação entre leitura literária e o uso das tecnologias digitais.

Sobre a inserção das práticas de leitura em sala de aula, o PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Língua Portuguesa propõe que o professor contemporâneo deve valorizar e promover o intercâmbio e a participação do aluno com o mundo. No entanto, esse intercâmbio não precisa estar limitado tão somente aos mecanismos pré-estabelecidos, mas utilizar dos princípios das tecnologias, buscando associá-los aos conhecimentos científicos e às linguagens que lhes dão suporte.

Consoante a BNCC, nas aulas de Língua Portuguesa devem ser utilizadas as tecnologias digitais disponíveis na escola ou aquelas às quais os alunos têm acesso para prática da leitura e produção textual. Assim, a leitura está centrada no conhecimento e no emprego das diversas linguagens disponíveis nos recursos tecnológicos digitais, sendo, portanto, “necessário oportunizar o

uso e a análise crítica das novas tecnologias, explorando suas potencialidades e evidenciando seus limites na configuração do mundo atual” (2018, p. 510).

Eloá Orazem (2021) em seu artigo “Sorria, você está sendo colonizado”: tecnologia é instrumento de poder entre países, prega existir uma hegemonia no que se refere ao uso da internet pelo mundo. Segundo ele, a internet é usada para perpetuar a colonização, advertindo que os colonizadores são os mesmos, mas que atualmente navegam na onda da internet. Destaca ainda que as nações imperialistas fazem da tecnologia uma ferramenta de perpetuação de poder e repetem, on-line, as técnicas de exploração. Assim, para se falar em educação digital é necessário questionar a pedagogia usada, problematizar, desafiar, afrontar, fazer frente e resistir às diversas colonialidades que limitam a existência do contexto.

Nessa conjuntura de análise e estudo sobre o problema, é relevante mencionar a discussão de Catherine Walsh (2005) que preconiza uma descolonização do saber alicerçada na busca de pedagogias descoloniais como práticas subversivas “de resistir, (re) existir e reviver”. Walsh considera que quando se enfrenta a colonialidade do saber, cria-se as condições para transcender o monismo científico. Nessa perspectiva decolonial, Walter D. Mignolo (2003) traz o subsídio da análise do cenário atual a partir de novos significados e livres dos controles exercidos pelo projeto eurocêntrico hegemônico. Para o autor, é preciso construir uma nova realidade, livre das amarras e dos controles do pensamento hegemônico. É necessário, como disse Mignolo (2003, p. 71), “pensar a partir das ruínas, das experiências e das margens criadas”. O autor problematiza também o apagamento de sujeitos que fujam ao controle de uma matriz de poder.

Seguindo a mesma concepção, Boaventura (2021), aponta para as desigualdades e discriminações sociais presentes na

sociedade contemporânea, afirmando que estas se intensificaram ainda mais no contexto atual. O autor faz também uma profícua reflexão para se pensar em alternativas que apontem para um novo modelo civilizatório de sociedade. Segundo o sociólogo, o tempo gerou severas crises sociais em todo mundo, descortinando a desigualdade em sociedade marcada por segregações, discriminações e injustiças cruéis, pensamentos estes que corroboram o alicerce da pesquisa proposta.

Luís Bonilla Molina (2020) destaca a importância da educação digital para o mundo contemporâneo. Todavia, ressalta a ausência de uma cultura de leitura digital e afirma a negligência na formação crítica das novas gerações. Segundo o autor, frente a esse cenário, “*todos os atores da ação educativa estamos sendo torturados e alguns replicam a ação*”. Molina reforça a discussão proposta nessa pesquisa trazendo a questão da burocracia educacional “bem-intencionada”. Segundo ele, a educação digital surge como novo paradigma educacional e evidencia os impactos no processo de ensino-aprendizagem, afirmando que a escola pública se faz morosa quanto a adaptar-se a esse novo cenário, sendo iminente a necessidade de reestruturação no sistema educacional.

Entende-se, portanto, que o processo de leitura literária nas aulas de Língua Portuguesa no atual cenário de educação digital deve considerar o texto e o contexto, porque a linguagem é parte complementar do processo social, no qual a linguagem e a sociedade se influenciam concomitantemente. Nesse entendimento, Cruz (2021, p. 6237) assevera que

No século em que o jovem manipula diariamente o seu próprio conhecimento nas redes sociais, encontramos a organização escolar com currículos engessados, Leis e diretrizes objetiváveis com um esquema didático preso ao pensamento arbóreo, asfixiante e ditatorial, pronto para

eliminar a participação do sujeito na construção e produção do seu próprio conhecimento.

Desse modo, imersos em um mundo cada vez mais informacional e tecnológico, os alunos passaram a necessitar de diferentes leituras literárias. Novas práticas pedagógicas de leitura literária são oferecidas a partir dos recursos tecnológicos com o intuito de promover diferentes atividades e seguir os padrões exigidos pela educação digital.

Isto posto, percebe-se que a leitura literária ganha outras possibilidades de existência quando associada as tecnologias digitais, pois consente comportamentos que conduzem a navegação em um oceano de conexões. Portanto, torna-se imprescindível refletir a respeito de uma nova concepção de aprendizagem da leitura literária a partir do uso de recursos digitais, atribuindo a esta leitura a importância e relevância na formação escolar e cultural dos alunos, destacando a necessidade de adaptação para atender às demandas sociais e culturais da educação digital.

O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS E O ACESSO À LEITURA LITERÁRIA

O uso de tecnologias digitais como ferramenta pedagógica, apesar de não ser recente, só apresentou um aumento significativo de seu uso nos últimos tempos. Segundo Kelly Cristina Uliano (2016, p. 20), é imperioso admitir que “a tecnologia digital está em nosso meio, [...] não podemos deixar de perceber que no nosso meio e principalmente na educação há uma necessidade de estudar e aplicar novas ferramentas tecnológicas”. Corroborando com essa afirmativa, tem-se uma gama de possibilidades apresentadas pelas modernas tecnologias digitais, as quais proporcionam, para a sociedade e instituições de ensino, a possibilidade de integrá-las ao

processo de ensino-aprendizagem, buscando ampliar ainda mais a construção de saberes.

Segundo Citelli (2000, p. 7), “a escola não deve temer nem subestimar o seu diálogo com os meios de comunicação e o uso das novas tecnologias, não vejo os meios de comunicação como instrutores, quero pensá-los como produtores do conhecimento”. A partir dessa afirmativa, é possível refletir a respeito da escola enquanto instituição de fomentação e formação de sujeitos críticos, tornando-se necessário que essa se aproprie das novas tecnologias existentes, de maneira que possa oportunizar apoio para as aulas de língua portuguesa, fazendo com que esses instrumentos sejam vistos e usados como ferramenta pedagógica, objetivando ampliar o desempenho educacional nas atividades das aulas de língua portuguesa, em especial, nas aulas de leitura literária.

Falar de literatura e das tecnologias digitais para educação é “navegar” pelas ondas eletromagnéticas, é falar de cultura, “respirar” leitura, é lembrar de tantos escritores, que vivenciaram, acompanharam o avanço tecnológico e reconheceram o papel destes para a sociedade. De maneira geral, as novas tecnologias digitais inseriram-se de modo bastante atuante na vida da sociedade, além de, também, propiciarem transformações no vínculo entre Literatura e educação, o que aguçou a reflexão e o questionamento sobre a leitura e suas formas de veiculação, e, claro, sobre as novas direções que ela poderia vir a seguir.

Vale ressaltar que se entende que o ensino de Literatura pressupõe a prática da leitura de textos literários. Embora que para se complementar exija outras etapas, o ensino da Literatura, para se efetivar com sucesso deve partir da leitura. A leitura, por sua vez, estabelece etapas distintas, complementares e sequenciais para que o texto seja abordado em todas as suas dimensões.

Dessa forma, muito se fala sobre as inovações tecnológicas estarem potencializando o contato dos alunos com todos os tipos de leitura. Eles já não aprendem tão somente a partir dos ambientes escolares físicos, mas utilizam novos meios de aprendizagem e práticas de leitura. como ferramenta para o ensino de literatura e, com isso, intentando explorar a habilidade leitora dos alunos. Assim, a lousa, o caderno e o livro físico já não são mais as únicas ferramentas utilizadas pelos professores em sala de aula de língua portuguesa como recursos.

Assim, as tecnologias digitais não são só apoios, meios. Mas, elas nos permitem realizar atividades de aprendizagem de formas diferentes às de antes. Podemos aprender estando juntos em lugares distantes, sem precisarmos estar sempre juntos numa sala para que isso aconteça. As tecnologias estão potencializando o contato dos alunos com todos os tipos de leitura. Eles já não aprendem tão somente a partir dos ambientes escolares físicos, mas utilizam novos meios de aprendizagem e práticas de leitura.

É inegável que há diversas dificuldades no ensino da leitura literária nas escolas por meio do uso das tecnologias digitais, o que vem gerando muita apreensão dos professores e do sistema educacional brasileiro, em especial o sistema público. Seja por falta de destreza dos professores, ou pela ausência de condições favoráveis ao seu uso, a grande realidade é que as tecnologias entraram na vida de alunos e professores para ficar. Por isso, é urgente refletir sobre as formas de ensino e estudo da leitura literária, sobretudo, buscando as que despertem no aluno o interesse em ler por prazer e de maneira significativa, sem esquecer as discussões a respeito do ambiente social e cultural em que estão inseridos.

Araújo & Vilaça (2016, p. 171) articulam que “caso existam ferramentas disponíveis, cabe aos participantes da comunidade escolar a escolha de se apropriarem ou não desses recursos para

atender às reconfigurações que se estabelecem hoje em dia”. Sobre a utilização dessas tecnologias digitais nas aulas de língua portuguesa é essencial que os professores estejam mais seguros e conscientes para lidar com a conexão entre a questão tecnológica e a prática escolar, suas potencialidades e reveses. Um dos caminhos para que essa empreitada obtenha êxito talvez seja repensar o processo de alcance e significação que a leitura literária tem para a sociedade e, principalmente, para os alunos. Portanto, cabe conjecturar sobre a aproximação das aulas de língua portuguesa e da leitura literária com esse universo contemporâneo digital no qual professores e alunos estão imersos.

Pensar a literatura, atualmente, sem a tecnologia digital e a relação entre ambas, é inviável. Não se pode negligenciar a possibilidade da conexão entre a literatura e as várias alternativas que ela pode, por meio da leitura, apontar para as configurações de ensino nas aulas de língua portuguesa. Nessa perspectiva, é possível afiançar que o papel das novas tecnologias no campo educacional é o de incitar mudanças pedagógicas não desvinculadas de reflexões e críticas, sendo oportuna, assim, a reflexão sobre a inserção da tecnologia digital nas aulas de língua portuguesa da educação básica e como disseminá-la de maneira efetiva, mantendo-a dentro de propostas que viabilizem o ensino e aprendizagem da leitura literária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que os instrumentos tecnológicos disponibilizados na sociedade podem trazer um novo olhar, uma nova reflexão no ensino de Língua Portuguesa, para alunos e professores, pensando não apenas na habilidade cognitiva deles, mas no que deve ser primordial na atuação do professor, a preocupação com a aprendizagem normativa, em especial, da leitura e compreensão

de textos literários, oferecendo um novo significado ao ensino da Língua Portuguesa e buscando uma possível ressignificação da educação escolar.

Desse modo, é necessário desconstruir abordagens estigmatizadas no que se refere à leitura literária na sala de aula, uma vez que não se concebe mais a forma tradicional de leitura e escrita dos anos passados. Esse modelo tornou-se retrógrado frente a velocidade dos avanços tecnológicos e dos inúmeros suportes ofertados pela sociedade tecnológica.

Logo, torna-se imprescindível refletir a respeito de uma nova concepção de aprendizagem da leitura literária a partir do uso de recursos digitais, atribuindo a esta leitura a importância e relevância na formação escolar e cultural dos alunos, destacando a necessidade de adaptação para atender às demandas sociais e culturais da educação digital.

Espera-se, a partir dessa discussão, contribuir para ampliar o debate sobre como a educação digital em tempos de streaming tem promovido o acesso à leitura literária nas aulas de Língua Portuguesa, debatendo sobre a amplitude do uso das tecnologias na educação, bem como responder se as condições de acesso às tecnologias digitais favoreceram ou alargaram as desigualdades sociais no tocante ao acesso à leitura literária.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANDIDO, A. *Vários escritos*. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CITELLI, Adilson. A mídia na sala de aula. *Revista Impressão Pedagógica*, Florianópolis, n. 23, julho – agosto, 2000.

- COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. Educação literária e desafios digitais: dilemas da BNCC. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, s, v. 18, n. 2, p. 6233-6246, abri. /jun. 2021.
- CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. *Leitura Literária na Escola – desafios e perspectivas de um leitor*. Salvador: EDUNEB, 2012
- FREIRE, Paulo. *A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MERCADO, L. P. L. A internet como ambiente auxiliar do professor no processo ensino-aprendizagem. In: Conferência Internacional sobre *Educación, Formación y Nuevas Tecnologías y e-Learning*, 2002, Sevilla, Espanha. *Actas de Virtual Educa 2002*. Sevilla-Espanha: Virtual Educa 2002, v. 1, p. 1-12, 2002.
- MIGNOLO, Walter. *Histórias Globais/projetos Locais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MORAN, José Manuel. *A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. Campinas, SP: Papirus, 2011.
- MORAN, José Manuel. Mudando a educação com metodologias ativas. Coleção Mídias Contemporâneas-Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens (Volume II). SOUZA, Carlos Alberto de; e MORALES, Ofelia Elisa Torres (Org.). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015.
- MOLINA, Luís Bonilla. *Educação, escolaridade e revoluções industriais*. Trad. Roberto Mansilla. 2020. Disponível em: <https://luisbonillamolina.wordpress.com/2020/08/25/educacao-escolaridade-e-revolucoes-industriais/>. Acesso em: 21 out. 2021.
- MOLINA, Luís Bonilla. Os desaparecidos e torturados pelo modelo global de educação. Trad. João Francisco Migliari Branco. 21 Jul de 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/600918-os-desaparecidos-e-torturados-pelo-modelo-global-de-educacao-em-casa>. Acesso em: 21 out. 2021.
- NONATO, Emanuel do R. S. Novas tecnologias, educação e contemporaneidade. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, PR, v. 1, n. 1, p. 77-86, jan./ jun. 2006.
- ORAZEM, Eloá. *“Sorria, você está sendo colonizado”: tecnologia é instrumento de poder entre países*. Brasil de Fato. Los Angeles (EUA). 18 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/04/18/sorria-voce-esta-sendo-colonizado-tecnologia-e-instrumento-de-poder-entre-paises>. Acesso em: 21 out. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O futuro começa agora: da pandemia à utopia*. São Paulo: Boitempo, 2021.

ULIANO, Kelly C. *Tecnologia Digital de Informação e Comunicação (TDIC) na educação: Aplicativos E O Mundo Tecnológico No Contexto Escolar*. 2016. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação na Cultura Digital)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

VILAÇA, Marcio Luiz Corrêa, ARAUJO, Elaine Vasquez Ferreira de. *Tecnologia, sociedade e educação na era digital*. Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, 2016. 300f. Ebook.

WALSH, C. *Pensamiento crítico y matriz (de)colonial*. Reflexiones latinoamericanas. Quito: Ediciones Abya-yala, 2005. p. 13-35.

ZILBERMAN, R. A escola e a leitura de literatura. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. (Org.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009. p. 17-39.